

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
P. J. JULIO HILARIO VAZ

Quinzenário calórico e regionalista

Redacção e Administração, 1.ª Rua da Paroquia - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XI

Melgaço, 1 de Abril de 1957

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 140

SEJA BEM-VINDO

Foi ontem sagrado na sacrossanta basílica primacial de Braga, Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. D. Francisco Maria da Silva, Bispo de Telmissus e Auxiliar de Braga.

Ao recebermo-lo com júbilo e fé, saudamo-lo com a alma e com o coração.

Seja bem-vindo!

Sua carreira eclesiástica recebeu a plenitude do sacerdotício.

Ouvindo cantar na nossa igreja Catedral "Ecce sacerdos magnus", curvamo-nos reverentes e pedimos ao Senhor que O proteja.

A boa gente do Minho aclama-o com fervor, recebe-o com carinho e esperança, e guardá-lo-á com fidelidade e amor.

Seja bem-vindo à gloriosa arquidiocese Primaz.



D. FRANCISCO MARIA DA SILVA
Bispo de Telmissus e Auxiliar de Braga

Carta de Lisboa

Melgaço e a aplicação dos seus capitais monetários

Deitando um breve olhar retrospectivo para o que foi e tem sido Melgaço, salta-me à vista que muito se tem feito, quer sob o impulso das autoridades que nos regem, quer sob a acção de individualidades melgaçoenses; porém muito mais há para fazer.

Não se pode dizer que

Melgaço, presentemente, seja um concelho onde há falta de capitais particulares, disponíveis para empreender qualquer obra de vulto, pois se assim se pensasse, seria fechar os olhos à luz. A França por exemplo, tem-nos dado uma chuva de dinheiro. Mas, tirando mesmo esse dinheiro que

veio de fora, já em Melgaço se encontravam certas fortunas em diversas mãos.

Embora o nível de vida da maioria dos melgaçoenses não seja alto, como disse na minha anterior correspondência, temos muitos que tem o suficiente para uma vida folgada e temos outros que têm muito mais que o suficiente e até bastante excesso. Tudo isto é uma realidade que se impõe. Portanto, segue-se que existe um capital que na generalidade está parado e que poderia ser posto em movimento; primeiro, em benefício dos possuidores, depois e como consequência, em benefício de Melgaço.

Tomando a iniciativa de se fazerem obras, remodelação de umas e principalmente inovação de outras, os próprios donos seriam os primeiros a lutar e depois Melgaço apresentaria aquele aspecto atraente, que outros concelhos com menos possibilidades, mas que se prezam de acompanhar os tempos modernos, nos mostram.

Não se poderia começar em Melgaço alguma indústria? Não viriam daí lucros para os possuidores e o emprego para muitos braços? Em geral, gosta-se sempre de ver cedo o gozo das coisas e por isso põe-se o dinheiro nos Bancos ou nas Caixas G. de Depósitos onde os juros estão sempre certos. Porém, se se pusesse esse dinheiro a circular doutra maneira, não se veriam os juros imediatamente, mas apareceriam mais tarde elevados a uma percentagem muito mais elevada.

Melgaço ainda hoje não teria uma casa de cinema, se um homem votado de alma e corpo aos interesses da sua terra, não houvesse surgido e, pondo de parte todo o egoísmo, metesse ombros a uma obra que marca quase sempre o progresso duma terra. O que esse homem não faria se estivesse munido de certas coisas que outros usufruem em abundância.

Tantas coisas que podem

(Continua na 3.ª pág.)

Um punhado de gerações

IV

OS ALVES SALGADO, DE ROUÇAS — (2)

Embora muito sucintamente, vimos em o último número o ramo dos Alves Salgado que passou a Surribas, vamos ver agora o que ficou na Pombreira, advertindo desde já que neste como naquele, dentro de cada geração, não respeito a ordem cronológica dos nascimentos, pois não vi os respectivos assentos baptismais; daí...

II, A — António Caetano Alves Salgado casou, em S. Paio, com Joaquina Rosa de Castro, filha de Agostinho José de Castro, das Cabencas, falecida em 1864, de cujo consórcio nasceram:

1.º — Maria Alves Salgado;

2.º — António Justiniano Alves Salgado;

3.º — Joaquina Alves Salgado, que foi casada com José Joaquim Durães, filho de José Caetano Durães e de Teresa Clara Domingues, de cujo consórcio nasceu o saudoso António Joaquim Durães, falecido, em Cavaleiros, em 2 de Fevereiro do ano findo, com a propecta idade de 90 anos.

José Joaquim Durães, faleceu, também em Cavaleiros, em 26 de Fevereiro de 1913, com 82 anos.

4.º — O rev. José Manuel Alves Salgado, ou José Manuel Alves Salgado de Castro, como ele costumava assinar, falecido, com 82 anos, na Pombreira, em 5 de Abril de 1919. Era homem teso...

III — António Justiniano Alves Salgado, que, em 1885, pelo seu quinhão da quinta da Pombreira, pagava 500 reis de congrua paroquial, foi casado com Teresa de Jesus Domingues de quem teve:

1.º — Maria Alves Salgado, casada que foi com Agostinho Cardoso e falecida, com 46 anos, em 1 de Maio de 1920;

2.º — Rosa Alves Salgado, que foi casada com o sr. José Esteves (Cabana);

3.º — Angelina Alves Salgado, e

4.º — O sr. Firmino Alves Salgado, residente em Penso, que tendo casado, no Pará, com D. Rosa Cordeiro, gerou:

a) — Carlos Alves Salgado;

b) — D. Maria Alves Salgado;

c) — D. Fernanda Alves Salgado;

d) — Orlando Alves Salgado; e

e) — D. Maria José Alves Salgado.

IV — D. Angelina Alves Salgado casou com Francisco Júlio Vaz, natural de Fiães, filho de António Luís Vaz e de

(Continua na 3.ª página)

Cantinho dos nossos assinantes

Queixas — Só a do sr. Joaquim Lopes Moreira — de Moçambique, que não recebia o jornal.

Está arrumado o assunto, pelo que os nossos serviços de expediente estão de parabéns.

Assinante novo — Inscreveu-se o sr. Manuel Casimiro Rodrigues, de Lourenço Marques. Gratos.

Pagamento de assinaturas — Não recebemos a habitual soma da parte do sr. P. Justino, pelo que só registamos a da sr.ª D. Maria Elisa Fernandes, que pagou adiantadamente 30\$00.

Assinantes do Estrangeiro — Renovamos o pedido feito Gastamos de selos, por ano, no envio destes jornais para o estrangeiro, à roda dos 2.000\$00 e a cobrança está muito atrasada.

Por favor digam-nos qual a melhor forma de proceder à cobrança. Em todo o caso, era melhor pagarem desde já e directamente.

Sai mais barato.

Prado, 25

BEM ENTENDIDO...

Na sua *Carta de França*, inserida em "Notícias de Melgaço" de 24 de Fevereiro p.p., *Um Melgacense* ausente naquele país e que para ali emigrou como pode, em palavras repassadas de nostálgica saudade — capazes de comover até as mais rijas pedras da calçada — entre outros períodos, escreve:

"Somos muitos a querer visitar os nossos, mas finalmente para já não podemos pois temos de cumprir o castigo, para podermos ir e voltar".

Em resumo, por isto e pelo mais que *Um Melgacense* nos diz, parece que quem emigrou clandestinamente para o estrangeiro, só passado um período de cinco anos poderá regressar a Portugal e voltar novamente ao seu ponto de partida sem ser molestado. Se não é bem isto é coisa muito parecida.

Mas... será assim...? Eu estou quase convencido que não; e, esta minha convicção basea-se no facto de até mim ter chegado o conhecimento do caso de vários rapazes, que para França emigraram ao "Deus-dará" — alguns há menos de dois anos — terem vindo passar o Natal na companhia dos seus entes queridos, regressando posteriormente, na paz do seu Senhor, às suas ocupações. Isto tão bem como eu o deve saber *Um Melgacense*, se é que o não sabe melhor...

Mas, sendo assim, como se arranjaram eles?!...

Parece que bem e facilmente.

Os que estavam devidamente inscritos nos respectivos consulados, um dia, em que a saudade de ver e abraçar os seus os apertou um tudo nada mais, foram-se a Paris, tomaram o metropolitano, apearam-se em Kleber, na avenida do mesmo nome (XVI arrondissimamente) dirigiram-se ao n.º 17 da falada avenida, apresentaram-se ao Cônsul Geral de Portugal e solicitaram-lhe o competente passaporte a fim de visitar o seu País — passaporte que aquela entidade lhes concedeu, *válavel por três meses e para uma só viagem de ida e volta a Portugal — via Espanha.*

Seguidamente, aqueles nossos patrióticos, munidos com este livrinho — talismã, espécie de "abre-te-sésamo", foram-se à Prefeitura respectiva e aqui, depois de terem explicado o que desejavam, foi-lhes aposto visto de licença, para se ausentarem de França, também, pelo período de três meses, a fim de visitarem... por ex., a Espanha; após o que voltaram novamente à cidade luz, tomaram o metropolitano, apearam-se em Wagram, dirigiram-se ao boulevard Malesherbes (XVII arr.) e entraram no n.º 165, onde pediram ao Cônsul Geral de Espanha, visto para poderem visitar esta fidalga nação — visto que o referido Cônsul solicitou e gratuitamente logo lhes concedeu, *com a validade de sessenta dias a contar da data da entrada da fronteira.* E assim vieram eles...

Posto isto, não é preciso dizer a um melgacense, momentaneamente se ele é de Cristóval, que Cevide, Puente, Barjas, Soalheira, Padreda, Pinheiro, Lapela, etc., etc., são povoações... espanholas.

Bem entendido, não vá julgar agora *Um Melgacense* que eu estou a estimular para que transponha o... Rubicão. Não, que isso é proibido — é proibido e é perigoso. Mas, enfim, daquelas povoações... já avista a *hermosa* terra de Melgaço e já se respiram os ares dos pátrios lares. Ora, pois!

E' já em 5 de Maio p.f. que se há-de realizar aqui a festa em honra de Nossa Senhora de Fátima com Comunhão solene das crianças, estando a Comissão que a há-de promover, e que é constituída pelas meninas Esperança da Glória Gomes de Sousa, Ilda Hortence Ribeiro, Maria Helena Gonçalves Ribeiro e Maria Helena da Silva Calheiros, bastante animada, prometendo, se todos os pratenses presentes e ausentes a auxiliarem na medida do possível com seus donativos, realizar uma festa que em nada desmereça em brilho das dos últimos dois anos. Armador já ela, Comissão, sabe onde o há-de ir buscar: — o sr. Guerra de S. Pedro da Torre.

— Depois duma estadia de três meses no seio de sua família, seguiu por via aérea para Lourenço Marques o sr. Manuel José Salgado Júnior.

— Também regressaram a França os srs. Júlio Joaquim de Barros e José Ribeiro (filho) este da Corredoura e aquele do Cerdado.

— Do Porto, onde esteve em tratamento clínico, regressou a sr.a D. Idalina Gonçalves, de Santo Amaro.

— Com o nome de Maria José, foi baptizada na igreja paroquial desta freguesia, no pretérito dia 19, uma filhinha do nosso prezado amigo sr. Aurélio Augusto Domin-

POESIA

Ao Rev.do P.e António L. Vaz

A poesia é uma das essenciais e mais sinceras manifestações da alma humana.

Debaixo de todos os céus, desde a origem dos povos até às épocas de extrema civilização, este sentimento vigorou inarrescível na alma sã e meritória do homem idealista.

E' por convenção uma linguagem ritmada sem sentido exacto. Não tem fronteiras; porque a Poesia, dirigindo-se à sensibilidade, ao conhecimento intuitivo e à imaginação, prolonga-se num eco de valor indefinido.

Filha da Arte como a Música, teve por fim despertar no coração humano a cadeia rítmica do verdadeiro sentir. Como muito bem diz o notável prosador e poeta francês Victor Hugo, ela tem por matéria tudo o que há de íntimo em tudo. Vai desde o cantar fresco e loução das moças e airozas lavadeiras da ribeira até aos pinhos caros da montanha onde o pastor sente uma suprema vontade de conhecer o que há de mais belo no manto azulado que o cobre e nas flores humildes que lhe dão o perfume embriagador das suas pétalas; no nascer e pôr do Sol; no brilhar fixo das estrelas nas calmas noites de Inar...

Inspirou grandes poetas como Homero, Horácio, Virgílio, Petrarca, Lamartine, Molière, Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda e muitos outros.

Poesia! Palavra que brilha ao traduzir o mais terno e puro dos pensamentos! Palavra que voa pelo mundo inteiro, nas horas tristes e alegres, inculcando nas almas nobres o sentimento expressivo da Dor e da Ventura!

Apresentando-se-nos cada vez mais alta, sublime e venerada, no rendilhado encantador do seu vestir, a Poesia foi e será sempre, através dos séculos, a expansão ilimitada dos sentimentos íntimos traduzidos pela inspiração em versos, por vezes tão sublimes e imortedouros como o tempo que não pára, se substitui, e é sempre tempo.

Braga, 21-3-57.

Alberto Magno

Aniversários

Chaviães, 27. — No dia 2 festeja o seu aniversário natalício a menina Maria Augusta Lourenço, de Chaviães e actualmente a residir na cidade de Braga.

A simpática Maria Augusta enviamos as nossas felicitações com votos por que esta data se repita por muitos anos. — (C.).

Parada do Monte, 26

Nascimentos — No dia 11 deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.a Florinda Alves, esposa do sr. António Rodrigues, do lugar da Trigueira.

— Também deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.a Maria Pires, esposa do sr. Albano Esteves, do lugar do Paço.

Casamento — No dia 20 realizou-se o enlace matrimonial do sr. Caetano Rodrigues, do lugar do Tablado, com a menina Maria Pereira, do lugar do Carrascal. Aos noivos que são dotados de primorosos dotes desejamos uma perenne lua de mel.

Falecimento — No dia 25 faleceu o sr. Justino Fernandes, do lugar de Cortegada.

O tempo e a agricultura — Tem envidado quase constantemente a ponto de não deixar fazer nada. Os trabalhos da lavoura estão atrasadíssimos. Estamos no fim de Março, e estão os estrumes quase todos sem tirar, as batatas sem semear, as videiras ainda há muitas sem atar. Enfim só vai bom para os pastos dos gados. Para esses, ao menos, há ervas com abundância. — (C.).

POR SANTA RITA

Estão a chegar aí vindos de Braga os artistas que vão terminar as obras de Santa Rita. E ainda bem. Mestre Abel Rodrigues, Barrenhas está a contatá com o arcás e portas. O arcás, um belo móvel, de 4.000\$00, será transportado para ali, dentro de poucos dias. As portas vão ser feitas imediatamente.

Não nos tem faltado a ajuda dos nossos Amigos, ou antes, dos Amigos de Santa Rita. De S. Paio, uma Senhora, de apelido Afonso, deu-nos 10\$00; o nosso estimado assinante, Domingos Alves, de Cavaleiros, 65\$00; um generoso Anónimo, da Vila de Melgaço, que está sempre presente nesta obra de Deus, 500\$00; do sr. António Lourenço (Parada) dos Lourenços, 2.000 francos; do nosso estimado amigo, Francisco José Marques, digno cantoneiro em Monção, 50\$00 e de Parada, de tão longo, bastantes romeiros, com suas promessas. Lembramo-nos de algumas: Deolinda de Carvalho, 50\$00, Júlia Esteves, 5\$00, Rosa Rodrigues, 5\$00, Angelina Esteves, 25\$00; Maria Esteves, 5\$00. E do sr. Enmindo Sérvio, de S. Paio, 20\$00.

Demos graças a Deus e à nossa gloriosa Santa. E vamos, vamos continuando, cheios de fé e de entusiasmo, Deus o quer.

Casamento elegante

Na igreja de S. João de Sahagún, em Salamanca realizou-se no passado dia 18, o enlace matrimonial do Sr. Sidónio Silvestre da Silva e Sousa, natural de S. Gregório, licenciado em Filosofia, com a gentil menina Carmina Rodrigues Frias, natural de Salamanca, diplomada com o curso de Professora Instrutora, filha da Ex.ma Sr.a Dolores Frias Ortega e do Ex.mo Sr. José Rodrigues Garcia, Cajeiro Jefe Pagador da R. E. N. F. E.

A cerimónia foi patanizada pela Ex.ma Sr.a D. Lucinda de Sousa Velez e o Ex.mo Sr. José Rodrigues Frias, inspector da R. E. N. F. E.

Logo que os noivos cumpriram todas as formalidades indispensáveis, o cortejo nupcial dirigiu-se ao Hotel Las Torres, onde os pais da noiva ofereceram um variado e distinto almoço a que assistiram muitas pessoas.

No decurso do lauto almoço várias pessoas brindaram à felicidade dos noivos, exaltando as qualidades morais destes.

No fim da tarde os nubentes seguiram no Taf para uma visita pelas principais cidades de Espanha. Após esta digressão, fixarão residência em Lisboa.

Ao novo-lar votamos as melhores venturas e prosperidades.

Ansilio

gues e de sua esposa, sr.a D. Rosa Rodrigues Gomes Domingues, tendo sido apadrinhada pela sr.a D. Isolina Rodrigues Gomes e pelo sr. António Domingues, seus tios. Desejo à neo-cristã as maiores felicidades na vida.

— Dizem-me que, tal como o filho pródigo do Evangelho, regressou, ao cair da tarde de ante-ontem, a esta freguesia, o azeite puro (?). *Si es verus... Te Deum laudamus.* — (C.).

CARTA DE LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

riam ser feitas se homens de boa vontade, quisessem pôr seu dinheiro em circulação. Não há uma garagem e estação de serviço que sirva eficientemente (para o meu carro não é preciso) não há uma pensão em condições, etc.; isto falando só de coisas na sede do concelho, pois que se vamos para as freguesias do mesmo, o caso é mais alarmante. São estas mesmas coisas que entidades particulares poderiam fazer, pois daí só resultariam benefícios para os mesmos.

Já que falo em pensões, veio-me à mente certo epi sódio passado com uma senhora, de fora do concelho, que em viagem, teve que pernoitar em Melgaço. Indo-se deitar e procurando dar a competente volta à chave, verificou que a fechadura estava lá mas chave não havia. Reclamou; diz logo o hospedeiro: se não serve assim, procure outro lugar. Isto foi contado pela própria e atenta a sua posição, julgou ser verdadeiro seu testemunho.

Isto acerca do emprego da capital em serviço próprio, de lucros imediatos e embelezamento de Melgaço. Porém, esses protegidos da sorte também poderiam empregar algum em proveito de suas próprias freguesias. Isto não lhes traria juros do seu dinheiro, mas traria-lhes, em compensação, mais conforto quando transitarem pelos caminhos, mais água para abastecimento e irrigação das terras e por último, o reconhecimento de todos os seus conterrâneos e os seus nomes seriam recordados com carinho e respeito

por todos os vindouros.

Em geral, quando o que precisa de ser feito é de interesse público, diz-se: a Câmara que faça... Ora a Câmara não pode fazer tudo porque não tem meios suficientes para isso. Além disso, são os habitantes das freguesias que beneficiam das obras e não a Câmara.

Não quero dizer com isto que aqueles que têm o dinheiro o vão esbanjar todo em serviço da sua freguesia, pois que se o têm, o mesmo representa talvez uma série de sacrifícios deles próprios ou dos seus antepassados.

Se isto lhes repugnar fazer, ao menos que ponham o seu capital em movimento de tal maneira que tirem o seu justo rendimento e Melgaço se veja enriquecido com obras dignas do nosso tempo.

As vezes, porém, com uma pequenina parcela do seu dinheiro poderiam-se fazer pequenas obras nas freguesias das quais eles vinham a gozar e teriam ao mesmo tempo, o prazer e a satisfação de serem úteis à sua terra natal.

Sei que todos eles não quererão compreender este meu arrazoado e talvez mojem dele, mas eu não se explicar-me de outra maneira; somente deito para fora e a muito custo, estas ideias tão toscas que se cruzam na minha humilde muleira. Contudo, como bater não podem, que tenham paciência, que leiam se quiserem e que façam como entenderem. Críticas não valem.

Lisboa, 2.ª quinzena de Fevereiro de 1957.

Nova carta de Lisboa

COMO OS LISBOETAS PASSAM O DOMINGO —OUTRAS NOTÍCIAS

Se na provincia é preciso trabalhar todos os dias, esta necessidade nota-se muito mais na cidade. Quando um homem ou mulher, aqui deixa de trabalhar um dia, a falta produzida pelo não recebimento do dinheiro referente a esse mesmo dia, repercute-se, imediatamente, na semana seguinte.

Por isso os lisboetas, excepto aqueles que vivem dos seus rendimentos ou a comê-lo que os outros ganham, procuram aproveitar todos os dias úteis da semana.

Por vezes, o ambiente em que se trabalha é acanhado e doentio; passam-se dias

sem ver o sol. Em consequência disto, durante a semana, já se fazem planos para ver como se passará o domingo, pois é o único dia da semana (nem para todos, infelizmente) em que podem descansar um pouco o corpo e recarregar o espírito.

No verão, os sítios preferidos para passar os domingos, são as praias. Outros organizam excursões, outros por fim, procuram os arrabaldes de Lisboa, Estoril, Cascais, Sintra, Vila Franca, Jardim Zoológico, etc. onde possam respirar um pouco de ar puro dos campos. Eram, novos e velhos, que partem, com o respectivo fardel aos ombros, em busca de distrações físicas e morais.

A noite, no regresso, pode-se

notar nos rostos de todos eles a sensação de bem estar que usufruem, pois que passam bem o seu domingo.

No inverno como o tempo não permite estes passeios procuram-se as casas de espectáculos, os parques e jardins citadinos. Quem se dá ao trabalho de observar o Parque Eduardo VII e Jardim da Estrela, por exemplo, pode notar a multidão, sem distinção de classes, que ali afliu.

Em geral, nestes grandes jardins, há sempre um lago povoado de patos, dos tão elegantes e atraentes cismes e de diversos peixes. O povo rodeia o lago observando e admirando todos os movimentos destes senes e atirando-os a si com algumas migalhas de pão. As crianças riem satisfeitas e nos mais velhos notase um semblante alegre e despreocupado. Como a alegria e comunicativa, todos sem excepção, se esforçam por gozar o seu domingo o mais possível.

Aparecem, aqui e além, os clássicos vendedores de castanhas assadas e do trivial tremoço; compram-se para se entreterem os dentes.

Nunca falta, em geral, o fotógrafo com a máquina à la minute. Como é barato, toda a gente quer experimentar, e são assim uns para os outros objectos de diversão.

Vem o soldado que está prestando serviço militar em Lisboa e tira uma foto para mandar à sua Maria, que lá na terra, está talvez curtinindo coisas de amor. Vem a criadilha e faz o mesmo, mandando-a depois a seus pais, para que estes orgulhosos com as meninas dos seus olhos, as possam mostrar às pessoas amigas e vizinhas, dizendo: — como ela está bonita!..

Depois destas digressões durante o dia, à noite, por vezes, ainda se vai até ao cinema, sarau recreativo ou então cavaquear para os cafés.

E' assim, *mutatis mutandis*, que os *alfacinhas* e os que o não são, passam os seus domingos. Quando recolhem a casa, irradiam-lhes da alma uma alegria intensa e vão assim dispostos a começar, com mais vontade, uma nova semana de trabalho.

Tive o grato prazer de encontrar o José Valeixo e sua gentil irmã Júlia, os quais são filhos do senhor José Valeixo de Surribas, e cá se encontram empregados.

Igualmente pude conhecer o amigo Fernando da saída de S. Domingos. Em geral cá a tapaziada é sempre fixe e por isso deveres são deveres para quem age por convicção.

Um punhado de gerações

(Continuação da 1.ª página)

sua mulher Rosa Maria Meleiro, irmão dos rev. dos Matias e João Nepomuceno Vaz e sobrinho materno do rev. Francisco Meleiro, professor de ensino primário que foi na referida freguesia de Fiães; e, deste casamento nasceram:

1.º — Em 5 de Setembro de 1909, o sr. P.e Carlos António Vaz — cantou a sua Missa Nova, na capela do Sagrado Coração de Jesus de Adedela, em 27 de Maio de 1932, foi director espiritual do Reformatório de Vila do Conde e desde Julho de 1943 que é Arcipreste de Melgaço e Abade da freguesia de Santa Marinha de Rouças, onde tem levado a efeito uma obra gigantesca, nem só no campo religioso como também no temporal;

2.º — Em 30 de Abril de 1911, o sr. P.e António Luís Vaz — cantou a sua Missa Nova, na falada capela de Adedela, em 16 de Agosto de 1933, e reside actualmente em Braga, onde, além doutros cargos, exerce o de director do "Diário do Minho";

3.º — Em 29 de Agosto de 1914, o sr. João Baptista Vaz, e

4.º — Em 23 de Outubro de 1916, o sr. P.e Júlio Hilarião Vaz — cantou a sua Missa Nova, na Matriz da Vila de Melgaço, em 24 de Setembro de 1939, reside também em Braga, onde desempenha os cargos de professor no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, redactor principal do "Diário do Minho", Director de "A Voz de Melgaço", etc..

O sr. Francisco Júlio Vaz, faleceu, em Rouças, em 2 de Novembro de 1949, e sua esposa, a s.ra D. Angelina Alves Salgado, faleceu, também em Rouças, em 28 de Fevereiro de 1953, contando 80 anos, 3 meses e 9 dias de idade. E

V — O sr. João Baptista Vaz, está casado, em Rouças, com D. Rosa Bergara, e tem já gerado: Carlos Nuno, Maria, Júlio, António e Manuel Vaz.

Dou por conclusa esta despretençiosa *achega* genealógica, sem dúvida, cheia de falhas, mas factas que, com facilidade, podem agora ser preenchidas pelos interessados, pois o principal está desbravado.

MARIO

Rouças, 24

Os rapazes e as crianças das escolas, durante os 3 dias de Carnaval realizaram as suas festas, com muito agrado do povo da freguesia.

Tivemos o tríduo em honra do C. de Jesus que decorreu muito bem, tendo sido pregado pelo sr. Arcipreste de Monção. Foram muitas as

comunhões e as práticas foram muito concorridas.

—Tem estado bastante doente a s.ra Maria Domingues Poças, da Igreja.

—Foi transferido para Mazedo, Monsão, o nosso amigo Francisco Marques, digno construtor das estradas.

—Esteve uns dias entre nós o nosso querido amigo, sr. António Domingues (Sancha) digno funcionário da E. G. F. no Porto.

Tem estado doente a s.ra Rosa Gomes, de Corções, a quem desejamos rápidas melhoras.

—Depois de ter regressado novamente ao Hospital de S. António no Porto, o doentinho, a quem cortaram a perna a continuar o seu tratamento, somos informados de que há esperanças de melhoras, com o que muito folgamos.

—O órgão-harmónio desta freguesia tem-se desenhado muito bem das suas funções. É magnifico. O pior são os 19.000\$00.

—O nosso amigo, sr. Manuel Domingues de Barros, funcionário do Tribunal da Régua, já escreveu a dizer que sim, que todos os amigos do sr. Abade o deviam oferecer nestas suas bodas de Prata sacerdotais. Também nos parece que sim. Ele deverá ser pago rapidamente. Aqui fica o pedido. —C.

—Também tive a satisfação de ouvir e não ver, a agradável voz da M. de Lurdes de Surribas. Não julguem, porém, que sou algum «pinga-amor».

—Como estamos no rescaldo da visita de Sua Magestade a Rainha Isabel II de Inglaterra, eu quero dizer que a recepção feita à ilustre visitante esteve à altura das tradições de que goza o povo português. Foi apoteótica e deslumbrante não há memória que se fizesse coisa igual. E' um facto que ficará nas páginas imortedouras da História a atestar, mais uma vez, a amizade entre as duas nações aliadas.

E acabou-se, amor, acabou-se.

Lisboa, 1.ª quinzena de Março de 1957

Manuel Costinha

DA VILA

Março, 25.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Desde o pretérito dia 15 que já se pode, ou melhor que já se podia consumir azeite estreme. No entanto, parece que para estes lados a reserva da mistura era considerável, pois, segundo nos dizem, está ainda a ser servida num ou noutro retalhista.

Vamos, pois, ver se lá para o tempo das alfaces... a "coussa", terá já entrado nos devidos eixos, para, assim, podermos saborear a laxativa, diurética e refrigerante salada, devidamente temperada com o precioso óleo de oliveira.

Agora, porque em azeite falamos, aproveitamos o ensejo para mais uma vez fazermos a pergunta aqui tantas vezes formulada sem que até ao presente a mesma tenha obtido resposta.

Porque é que em Melgaço, há uns dez anos a esta parte, só aparece um único tipo de azeite a 14\$40 o litro?... Porque o mesmo é Extra...?

Fora ele ao menos Fino que já não seria mau de todo...

Mas dado de barato que o mesmo seja Extra, por que razão custa 14\$40 quando o mesmo tipo em Viana do Castelo se vende a 14\$00 o litro?...?

Onerosidade de transporte...?

Ora...

De resto, nós também não compreendemos a razão por que o pão, arroz, açúcar, etc., etc., tenham preço uniforme em todo o País e o azeite assim como outros produtos o não possam também ter.

Crispino

Sáveis e lampreias — Tem sido razoável a pesca de sáveis e lampreias na nossa costa. Porém, o preço das respectivas espécies, para quem compra, já se vê, é que deixa bastante a desejar, pois aqueles têm-se vendido à razão de 14\$00 o quilo, e estas, das mais pequenas, a 22\$50, cada.

A ver se depois dos endinheirados gastrónomos-gluttones estarem empanturrados, a abarrotar, também chega a nossa vez de saborear os apetitosos lúpeos e ciclóstomos.

Pela Matriz — Já estiveram dois técnicos do Estado a verificar o estado de conservação do forno da nave da igreja matriz, tendo-o achado, segundo nos dizem, carecido de reforma urgente.

— No próximo dia 14, domingo de Ramos, depois da missa conventual, arrematar-se-á, à porta da igreja, o tradicional "Ramo da Honra", — o direito de uma noite de pesca que a Confraria do SS. Sacramento desta Vila tem em certas pesqueiras do rio Minho, desde S. Marcos à foz de Ponte Pedrinha. Tome nota.

— Também no próximo dia 15 de Abril, segunda-feira da Semana Santa, há-de ter lugar nesta igreja o confesso geral para a Desobriga Pascal. Tome também nota.

Comparticipação — Pelo Ministério das Obras Públicas e proveniente do "Fundo do Desemprego", foi concedido à Câmara Municipal deste concelho o reforço de 45.200\$00, para pavimentação de arruamentos.

Peste aviária — Grassa com grande intensidade neste concelho uma mortífera epidemia entre as aves de capoeira, a pontos da autoridade ter proibido a venda de galináceos no mercado de ante-ontem, o que foi uma medida acertadíssima, pois muitas pessoas que tem a consciência nas palmilhas dos sapatos, não tinham escrúpulos de as expor à venda mesmo atacadas de moléstia.

O da guarda! — No referido mercado, que ante-ontem se realizou nesta Vila, vendeu-se chicharro, pequeno, a 1\$80 cada!!!...

Não nos admiramos deste preço exorbitante — pois isso é fruto da época... — mas admiramo-nos, e muito, não ter aparecido uma alma caridosa que pespegasse com os seus vampíricos vendedores na cadeia.

O da guarda!...

O tempo e a agricultura — Tivemos dez dias de tempo bom, tempo que mais parecia de verão do que da quadra que se atravessa; mas, precisamente no dia 20, juntamente com a Primavera, voltou a chuva e o mau tempo, o que se vem tornando já prejudicial para as respectivas culturas.

— Aos interessados, lembramos que em Abril podem semear: — abóboras, agriões, aipo, alfaces, alho-porro, beringelas, betarrabas (todas), cenouras, coentros, couves di-

Sociedade

ANIVERSÁRIOS

FAZEM ANOS: — hoje a s.ra D. Isaura Gomes de Sousa, e as meninas Maria Cândida da Cunha Esteves e Rosa Maria Gonçalves; no dia 5 os jovens António da Ascenção Dantas da Costa Afonso e Manuel Augusto Gomes de Sousa; no dia 7 o sr. Armando Henriques Gomes de Sousa; no dia 8 a s.ra D. Venância Delfina Gomes Calheiros de Sousa; no dia 9 a s.ra D. Ana Maria Lima Peres Dias e os s.r.s Abel Francisco Pereira e arquitecto Luís Manuel de Magalhães Fernandes Pinto; no dia 10 a menina Maria Alice de Lima; no dia 11 a menina Maria de Nazareth Rodrigues de Araújo e os s.r.s Eduardo Henrique Pinto Ribeiro e Jaime Macker Gonçalves; e no dia 14 os s.r.s Gilberto António Cardoso, prof. Manuel Augusto Vaz e Manuel Inácio Durães.

BAPTIZADO

Com o nome de Aurora Rosa, foi baptizada, no pretérito dia 11, na Matriz desta Vila, uma menina, filha do sr. Amândio Antunes e de sua consorte, s.ra Ermelinda Ribeiro (Tendeiros).
«A Voz de Melgaço» faz votos pelas felicidades da neo-cristã.

CASAMENTO

Na igreja Matriz da Vila de Melgaço, realizou-se, no dia 24 do corrente mês, o enlace matrimonial da menina Maria de Lourdes Cardoso, prendada filha do nosso respeitável amigo sr. Raúl Ferreira Cardoso e de sua esposa, s.ra D. Maria Alzira da Costa Velho, com o sr. António Joaquim Domingues, filho do sr. José Augusto Domingues e da s.ra D. Maria das Dolores Gomes.

Testemunharam o acto, por ambos os nubentes, o sr. Antero Rodrigues e a s.ra D. Alice de Lourdes Esteves (Cabana), sua esposa, de Monção.

«A Voz de Melgaço» faz votos pelas felicidades do novo casal cristão.

versas (especialmente couve-flor), ervilhas, espinafres (todos), feijões, linho, melancias, melões, mostarda, pepinos, pimentões, rabanetes, salsa, tomates, etc.

— Continua a plantação de batatas; tosquia-se o gado lanígero; ultimam-se as enxertias e plantações de videiras e árvores de fruto; vão-se já preparando os pulverizadores e enxofreadoras, e, nas terras de sequeiro, iniciam-se as sementeiras de milho e feijão.

O progresso de ROUÇAS

Embora longe, sou obrigado pela saudade, a narrar nas colunas deste querido jornal «A Voz de Melgaço» as impressões sobre a minha terra natal.

Foi ela que me viu nascer, foi ela que viu o início dos primeiros passos vacilantes da minha existência, a qual tantas recordações e laços de amizade me prendem.

Venho através daquele mensageiro, que quinzennariamente transmite a todos os seus conterrâneos, quer no País quer no estrangeiro, a actividade progressiva de quase toda a terra melgacense, recordar alguns promenores sobre o passado e o presente da minha amabilíssima terra situada a montante da sede do concelho e que se denomina Rouças.

Quem conheceu esta freguesia, há pouco mais de uma dezena de anos e quem a conhece hoje!

Não seria por ventura esta terra filha da Mãe-Pátria? Rouças estava esquecida, ou até poder-lo-ia dizer: estava quase morta...

A propósito faz-me lembrar os meus tempos de criança, quando as autoridades locais, ordenavam, após o inverno, proceder ao concerto dos caminhos que as águas tinham deixado intransitáveis. No dia combinado quem aparecia, eram apenas uma meia dúzia daqueles que tinham gado pequeno, e que para poram o carro no alto da Cortiçada ou na Chã da Pedreira teriam de eles puxar quase tanto como os próprios animais; enquanto os outros diziam: eu cá com os meus bois pachorrentos passo por qualquer lado.

Apesar de tudo Rouças, há uns tempos aliás, há uns anos para cá tem progredido.

Felizmente há alguém que tem amor à sua terra e se dedica exclusivamente ao progresso, registando-se assim de dia a dia obras de arte que bastante contribuem para a nossa actividade agrícola.

Temos por exemplo a estrada já em construção que dentro em pouco tempo ligará os principais centros agrícolas com a sede do concelho, tendo passagem pelo novo mosteiro de Santa Rita onde a tornará um importante ponto de turismo.

Também nos dizem que no referido mosteiro de Santa Rita já ali se encontra um relógio da torre, que se pode considerar uma obra útil e que bastante embeleza a nossa querida terra. — H.

Comparticipação

Pela Direcção Geral dos Edifícios e Melhoramentos Nacionais, foi concedida a participação, de 4.440\$00 para a conservação do Edifício Escolar de S. Gregório.

VENDE-SE

No Pêso (Reguengo) as propriedades de MARIA ANGELINA SOLHEIRO.

Terreno de cultura, Montes e pesqueiras
GRANDE RENDIMENTO.

Tratar com a própria no Pêso.

O Santo Sudário vai ser exposto EM LISBOA

Está a realizar-se em Lisboa, sob o alto patrocínio do Senhor Cardeal Patriarca, a exposição, já realizada também noutros países, do Santo Sudário de Turim.

A última exposição em Madrid, teve extraordinário êxito.

Para a de Lisboa está organizada uma comissão executiva, a que preside o sr. Prof. Dr. Lopes de Andrade. Tem uma comissão de honra, e durante a exposição, efectuar-se-ão diversas conferências.

É longa a história do Santo Sudário de Turim. Começa pelo menos, em 1353, quando Godofredo de Charney o ofereceu a uma collegiada que fundou em Lirey, diocese de Troynes (França). Em 1452, passou à posse dos soberanos de Saboia, e, em 1578, foi transportado para Turim. Por ocasião de uma exposição de Arte Sacra, em 1893, fez-se a sua ostentação solene e um amador obteve autorização para o fotografar. Verificouse então um pormenor que tem dado lugar a muita discussão: a figura está impressa no linho em negativo e dá directamente uma imagem positiva. O caso foi examinado cientificamente, até por livres pensadores como Ivo Délagé, que o apresentou, em 1902, numa sessão memorável da Academia de Ciências de Paris. Em 1950, reuniu-se em Roma um Congresso que deu ensejo a novos estudos.

O que Abril deixa nado,
Maio deixa espigado.

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P. JOLIO HILÁRIO VAZ

Redacção e Administração, Intendência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00

Melgaço, 15 de Abril de 1957

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 141

Três dias em Parada da Monte

Convívio de amigos e evocações saudosas

A fixação da nossa actividade em Braga, há bastantes anos, afastou-nos muito desta nossa terra e sua gente.

Tal facto não significa que tenhamos esquecido a terra e os seus habitantes. Não.

Apenas em breves dias de férias aqui vinhamos matar saudades, mas não subíamos ao «monte» como antigamente.

Um convite amável do sr. P.e António Domingues, zeloso pastor de almas, que foi em Chaviães, e, hoje, o é em Parada do Monte, trouxe-me a Melgaço e a Parada, durante as férias do Carnaval.

Desde a feira buliciosa e movimentada dos amigos de sempre, nada faltou.

E quando nos apeamos em Pomares, para descer a Minhoteira, nem sequer nos faltava a neve da serra.

Era uma tarde característica da nossa terra em dias de inverno, que, nem por isso, deixava de ser alegre e poética.

Minhoteira! Precipício enorme, agora assinalado para a construção da estrada florestal.

Que o eng. Machado a faça chegar quanto antes a Parada do Monte, para ser menos uma freguesia, sem contacto imediato com a civilização.

Há muitos anos que não ia a Parada, onde pensava se não fosse a boa memória do P.e Fernando Pinto, que estivera ali, pela última vez, na linda festa da missa nova do sr. P.e Justino Domingues.

Crianças e adultos, novos e velhos mantêm a respeitosa saudação dos velhos tempos: — A sua bênção, sr. Abade.

Lamas, Cubalhão, Parada Riba de Mouro e Tangil, ou seja a corda do rio Mouro, teve fama, e é uma realidade, de ser a zona mais piedosa do Alto Minho.

Os dias de Carnaval, em que prégamos o tríduo do Coração de Jesus em Parada do Monte, corroboraram esta minha impressão.

Desde o primeiro ao último dia durante a exposição do Santíssimo Sacramento, que estava exposto todo o dia, a Igreja estava sempre cheia, bem cheia de fiéis, em respeitosa postura, de quem sabe que está na Casa de Deus.

Como se estas doces realidades espirituais não fossem o bastante, o Sr. P.e António Domingues rodeava-me de clero muito nosso porque todo da nossa terra: o P.e Custódio, com as 72 primaveras da vida a descer a pé de Cubalhão a Parada, o P.e Manuel António Bernardo, sempre esguio e seco dos longos trajectos a pé, mas com um cérebro pujante da investigação histórica onde as teias de aranha e o pó não poeiam, o P.e Vieites de Carvalho, em casa de sua Mãe.

Todos melgacenses, ali vivemos horas dos tempos académicos do Seminário: horas alegres, amigas e fraternas.

Não faltaram, também as surpresas dos amigos que se não esperam encontrar.

Lá surgiu um, dos velhos tempos da Casa da Adedela.



P.e António Domingues, zeloso pároco de Parada.

Julgo ser o sr. Manuel Rodrigues, cujo nome recordo pela bela síntese que um dia lhe ouvi sobre as

causas dos males dos nossos tempos. Nenhum sábio a daria mais perfeita.

Ei-la: «As causas dos males são a avaria do rico e a soberba do pobre».

Não a esqueci, porque encerra a melhor sentença que até hoje ouvi sobre os tempos em que vivemos: «Avaria do rico e soberba do pobre»!

Na minha estadia entre aquela boa gente, não esqueci o mais assíduo correspondente do nosso jornal, o sr. Justino Vieites. Lá fui ao seu modesto estabelecimento deixar-lhe um abraço.

E' dos amigos deste jornal, dos da primeira hora!

...

Nos poucos momentos de vago ia conversando com o sr. padre António Domingues.

—Quantos habitantes tem a freguesia?

—Passa dos mil.

—Em que proporção?

—E' a freguesia do Concelho onde nascem mais homens do que mulheres.

—De que vivem?

—Da lavoura e da emigração.

—Para onde emigram?

—Para a França. Devem estar lá para cima de 200 homens.

—Mandam dinheiro?

—Muito; e não se esquecem da sua igreja paroquial.

—E esquecem-se da religião?

—Também não. São poucos os que se não confessam e comungam, quando saem e quando chegam.

—E a fé, na paróquia?

—Deves ter observado nestes dias de tríduo o que é e quanto vale a piedade desta gente.

Da minha parte disse que não ficou ninguém sem se desobrigar.

E' assim a boa e piedosa gente de Parada.

(Continua na 4.ª pág.)

A TODOS OS SEUS AMIGOS DESEJA

«A VOZ DE MELGAÇO»

FESTAS ALEGRES

ESBOÇANDO...

A volta do Filho Pródigo

Noite de inverno, deixa o dia vir!

Que eu tenho medo desta «scuridão»

Deste silêncio!... desta solidão

Onde vejo fantasmas a bulir!

Ai! (Deixa-me depressa o galo ouvir

P'ra me trazer aurora co'um clarão

Que me leve daqui esta visão

Que me não deixa mais de perseguir!

É mais feio que a Dor e até que a Morte

O espectro que me vem fazer corte

Neste escuro onde tremo como um vime!

Já fui ladrão!.. e já (ambém matei!..

Ai! mas eu nunca... ai! nunca imaginei

Custar mais o remorso do que o Crime!

(Ercília Pinto — «Rosas a Abrir»)

Assinaturas pagas

Dignaram-se pagar a assinatura de «A Voz de Melgaço» os nossos estimados assinantes:

Ex.mos srs. D. Maria Teresa Alves Carabel, José Cândido Rodrigues, Manuel Pereira, Henrique Fernandes, Gaspar Figueiredo, Manuel Augusto Pinto Joaquim de Sousa, Anibal C. Alves, António Aug. Gomes, José G. de Carvalho, António de Carvalho, Alcindo J. Alves, Luís Alves Sanchó, Laurinda Monteiro, José Pereira Júnior, Anibal Vieites, D. Deolinda Aug. Pereira, Armando de Araújo, Manuel Rodrigues, Adelino A. Fernandes, Máximo Martins, José Maria Gonçalves, Albano Afonso António de Almeida Pires, P.e António Rodrigues, P.e Manuel José Rodrigues, Dr. João de Barros Durães, Dr. Pedro Gomes, José Avelino Couso, Manuel Afonso Manuel L. Alves, José Severino Pires.

A todos, muito obrigado.

Era já noite. A marimórea lua, bruxeleando no Céu sereno e estrelado, afagava-lhe com sua luz frouxa a fronte entugada. Cheio de fome cambaleava: fome no corpo débil e curvado; fome na alma negra como carvão. Perdido na solidão da noite caminhava ao acaso...

Tinha, nesse dia, saído da prisão. Como se lembrava do momento em que a humanidade o apontara desprezivelmente como criminoso! E, cheia de raiva, apedrejara-o; em gestos escarninhos cuspirá-o; sedento de vingança gritara por justiça. Para exemplo dos homens, expiara, durante vinte anos, as pesadas faltas, num cárcere miser e mesquinho, onde as agruras da vida se fizeram sentir tenazes, intermináveis, e a luz brilhante do Sol era quase impedida de entrar pelas grades grossas e ferrugentas.

Hoje, saía curvado ao peso dos anos, de muitos anos, de desgosto e sofrimento atrozes, que lhe haviam polvilhado de neve os cabelos,

(Continua na 3.ª pág.)

Prado 10-4-957

UMA SESSÃO DA CÂMARA... NO TEMPO
DO BACALHAU A PATACO

As últimas reuniões da Câmara Municipal deste concelho, por "agitadas", oferecem-me ensejo para transcrever uma daquelas sessões do tempo do bacalhau a pataco, as quais eram, quase sempre, também muita parra e pouca uva. Ao acaso, escolho a sessão de 27 de Junho de 1900, e advirto desde já o leitor que não estranhe a dose de sarcasmo com que a mesma é relatada, pois é prosa do impenitente regenerador que em vida se chamou Duarte Augusto de Magalhães e aquela edilidade era toda progressista.

Posto isto, oiçamos agora aquele meu saudoso Amigo, de além-túmulo, dizer-nos:

"Presidência do sr. Domingos Ferreira de Araújo (1). Lida, aprovada e assinada a acta da última sessão, esteve a Câmara em silêncio por muito tempo, até que compareceu o sr. dr. António Joaquim Durães (2) não sabemos se na qualidade de administrador deste concelho, se na de conservador privativo do registo predial desta comarca, se na de sub-delegado do Procurador Régio, se ia de notário, se como mero espectador. O que sabemos é que por algumas vezes esteve sentado na cadeira destinada à autoridade administrativa.

Foi lido um officio do sr. administrador participando à Câmara a nomeação de Manuel José da Costa como secretário da administração deste concelho.

Outro do sr. governador civil indicando as casas onde a Câmara pode comprar o milho que deseja e bem assim o preço por quanto regula a medida de 17 litros. Resolveu-se fazer novos pedidos para Lisboa e Porto.

O sr. presidente disse que era preciso proceder-se à organização dum orçamento suplementar a fim de se poder occorrer às despesas com a compra do milho indispensável para abastecimento dos habitantes deste concelho, ao que o sr. dr. Durães respondeu que isso só podia ter lugar depois de realizada a compra.

Foram apresentados novos documentos, por Rosa Esteves, de Castro Laboreiro, pedindo subsídio de lactação. Deferido.

Foi nomeado vogal da junta das congruas o vereador Francisco Pires (3).

Foi presente um outro officio sobre o qual, por não ter sido lido, nada podemos dizer do seu conteúdo.

Foi presente o sr. Joaquim de Egas Afonso (4), empreiteiro do 2.º lance da estrada de Prado a Paderne, a fim de se resolver à cerca do levantamento do muro que desabou junto da propriedade de Joaquim Daniel de Fontes, do Barral de S. Paio.

Depois de grandes alterações e descompusturas, pois que o sr. presidente chegou a repreender aquele Egas, acordou-se que no próximo domingo se visse e examinasse a obra a fazer, obrigando-se ele, empreiteiro, a proceder à sua construção, caso assim se resolva.

O sr. presidente, chamou a atenção do vereador do respectivo pelouro, para o modo como, segundo lhe consta, se está deixando abater o gado que é destinado ao matadouro público (5) desta vila, sem ser examinado, ao que lhe foi respondido negativamente.

O vereador Júlio Viana (6) pede a palavra, e diz que a tal respeito é esta talvez a única vila onde se consentem semelhantes abusos, pois sabe que, muitas vezes aqui tem sido abatido gado doente e incapaz de poder satisfazer as condições a que estão obrigados todos os marehantes.

Censurou ásperamente o procedimento do vereador encarregado desse serviço; chegou a dizer-lhe que andava feito com os marehantes; que era por isso que uns comiam boa carne e outros somente recebiam os ossos, quando lá mandavam; que era uma pouca vergonha; o diabo.

O sr. Júlio Viana estava desesperado. O vereador sr. Vitorino Santos (7) que é o encarregado de tais serviços, recebeu a rir, todas aquelas investidas e acusações, e foi-lhe dizendo por várias vezes que *não sabia o que dizia; que não estava bem, etc., etc.*

Estávamos vendo quando as cadeiras senatoriais começavam a mexer-se, e nós a olhar para a porta da rua, para se tal acontecesse, darmos às de *Vila Diogo*.

O sr. presidente, porém, levantando-se da cadeira, diz estar encerrada a sessão e assim serenaram, pouco a pouco, os ânimos até ali verdadeiramente exaltados.

Pois então! não é só na Câmara dos deputados que há tumultos. Por cá também os há e a miúdo..."

(1) — Domingos Ferreira de Araújo, filho de António Ferreira

Assembleia Geral da Casa do Minho

Reuniu-se a Assembleia Geral da Casa do Minho para apreciar o Relatório e as Contas do exercício do ano findo, que foi presidido pelo sr. Dr. Jerónimo Pimenta de Castro, tendo os sr.s Januário Barbetos e Alvaro de Figueiredo servido de secretário.

O Relatório, lido pelo presidente da Direcção, sr. Artur Maciel, que há seis

anos vem exercendo esse cargo, historia as difficuldades de vária ordem, com que as direcções durante esse periodo se têm encontrado e os esforços e sacrificios a que têm sido obrigadas para as vencer. Analisando a evolução das contas, o documento mostra como os «deficits», supridos por empréstimos da Direcção, se vêm succedendo, se bem com

a sua extincção no ano de 1955, e a redução para cerca de metade em 1956, isto mercê das receitas extraordinárias. Nota que outros poderiam ter obtido melhores resultados mas refere também que «por muito que se tivesse proclamado a necessidade imprescindível de se fazer a campanha do aumento do número de sócios, base essencial da existência de uma colectividade como esta, a verdade é que as successivas direcções se encontravam isoladas de agremiações que lhe offereciam cooperação, e assim tal campanha nunca pôde chegar a ser campanha e ficou-se no âmbito dos propósitos sem ambiente nem eco». O Relatório termina indicando a razão que assistia áqueles que pugnavam pela mudança da designação da colectividade para Casa do Minho, pois que, decidida pela Assembleia Geral como o foi os efeitos começam agora a sentir-se com a entrada substancial de novos sócios e com o espirito de unidade e condaivação que finalmente está a verificar-se.

Lido pelo sr. António de Azevedo o parecer do Conselho Fiscal, que propõe votos de sautação à Direcção, aos agremiações e a imprensa, os documentos foram postos à discussão. Nela intervieram os sr.s Januário Barbetos, Artur Maciel, Dr. António Delgado, António de Azevedo, Dr. Júlio Evangelista e Dr. Jerónimo Pimenta de Castro. Relatório, contas e parecer do Conselho Fiscal ficaram aprovados por acclamação.

Peregrinação a Fátima

A peregrinação que o Sr. P.e Justino Domingues dirigiu ao pároco da Vila organizada para ir a Fátima, no mês de Junho, já tem poucos lugares disponíveis.

Quem quizer, inscreva-se, sem demora certo de que fará o pagamento adiantado.

ANIVERSÁRIO

Chavões, 1. — Festeja no próximo dia 18 o seu aniversário natalício, a menina Maria Armada Vaz Alves, inteligente, aluna do Liceu de Braga; filha dos nossos amigos sr.s Alcindo José Alves, Guarda-Fiscal e de sua esposa D. Palmira de Jesus Vaz.

Á distinta estudante, bem como á seus queridos pais, enviamos as nossas felicitações. — C.

de Araújo e de sua mulher, D. Maria Rita da Costa, nasceu, em Ribeira de Pena, em 1861. Casou, em Melgaço, em 17 de Julho de 1887, com D. Amélia Correia dos Santos, filha de António Correia dos Santos e de D. Maria de Sousa Viana, de Cristóval, teve farmácia, ali, onde hoje estão os cafés «Melgaçense» e dos «Caçadores», e faleceu, também em Melgaço, em 14 de Abril de 1921.

(2) — O dr. António Joaquim Durães, filho de João Manuel Durães e de D. Francisca Caetana Pires, nasceu, em Paços, em 3 de Outubro de 1858. Formou-se em Direito, na Universidade de Coimbra em 1881; casou, em primeiras núpcias, com D. Beatriz Augusta Ribeiro Lima, filha do dr. Carlos João Ribeiro Lima, de quem enviuvou, em 3 de Fevereiro de 1894, e em segundas núpcias, em 31 de Março de 1898, com D. Emília de La Salette Barros, filha de António Filipe de Barros Júnior e de D. Emília Perfeita Santos, sua esposa. Foi advogado, administrador, notário, conservador do Registo Predial, Subdelegado do Procurador Régio e chefe do partido progressista, neste concelho; governador civil do distrito da Horta, em 1904, e juiz auditor do distrito de Braga, em cujo cargo o surpreendeu a morte, em 6 de Junho de 1909.

(3) — Francisco Pires, filho de Teresa Pires, nasceu no lugar da Grova, da freguesia de Paços, em 1942; casou com D. Laureana do Carmo Fernandes, de quem teve duas filhas: uma, D. Maria Carolina Pires, que foi segunda mulher do dr. Augusto César Ribeiro Lima, e outra a distinta modista D. Maria Margarida Pires. Teve estabelecimento comercial na rua de São João do Porto, no prédio contíguo ao «Café Melgaçense» e faleceu em 20 de Junho de 1927.

(4) — Joaquim de Egas Afonso, «Patarriça» era natural de Valadares. Estabeleceu-se na Corredoura de Prado, na casa hoje pertencente a José Augusto Ribeiro, o qual tinha por *chamariz* uma pata (ave) seguida da palavra RICA, donde se lhe originou a alcunha; casou nas Várzeas com D. Maria José de Sousa Gama Meleiro e aqui faleceu, em 30 de Junho de 1914.

(5) — O antigo matadouro público era em Carvalho de Loba, numa corte-térrea, junto ao caminho, hoje pertencente aos herdeiros de António Joaquim Esteves. Era um coio imundo, onde pulhavam as ratazanas, sem água nem as máis elementares condições de hygiene... Já o leitor poderá fazer uma pálida ideia sobre a carne que então se comia em Melgaço.

(6) — Júlio de Sousa Viana era de S. Gregório e foi pai de D. Luísa Teresa de Sousa Viana, falecida em 16 de Abril do ano findo.

(7) — Vitorino Augusto dos Santos Lima, filho de João Correia dos Santos Lima e de D. Emília Perfeita Gonçalves da Rocha, nasceu, em Melgaço, em 1841; casou, em 2 de Setembro de 1888, com D. Maria de Nazaré Esteves, filho de Manuel José Esteves (Melgaço) e de D. Maria Rita Alves, e faleceu, vitimado pela diabetes, na sua casa do Rio do Porto, em 1 de Agosto de 1904.

Realizou-se, aqui, no pretérito dia 26 a Desobriga Pascal, sendo a Comunhão administrada pelo muito rev. Abade de S. Paio, sr. P.e José Marques, em virtude da saúde do nosso rev. Abade ter deixado muito a desejar, motivo pelo qual a missa dominical tem sido celebrada por aquele sacerdote.

Foi de 155\$00 o rendimento do último peditário aqui efectuado para a Obra das Vocações e dos Seminários.

Dizem-me que a Visita Pascal, deste ano, nesta freguesia, será feita pelo inteligente seminarista de Rouças rev. José Alberto Gomes de Sousa. Oxalá este rumor se confirme, pois aquele nosso amigo, tal como seu saudoso Pai, sr. Alvaro de Sousa, é uma pessoa que irradia simpatia.

De Lisboa, onde esteve em tratamento clínico, regressou o nosso velho amigo sr. Manuel José Gomes de Sousa, muito digno cabo da Armada.

Com sua esposa e filha, está entre nós o sr. Faustino José Durães, diligente guarda da P.S.P. na cidade do Porto.

Por ter sofrido uma queda desastrosa, tem passado doente o nosso particular amigo sr. João António de Abreu, zeloso soldado da G. F. — (C).

DA VILA

Abril, 10.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Quando no começo do corrente ano nos disseram que a nossa Banda, de tão gloriosas tradições, devido a desavenças surgidas entre alguns dos seus componentes, estava mais uma vez desorganizada, muito naturalmente supuzemos que isso seria arrufo de somenos importância — arrufo que alguns dias temperados com pequena dose de bom senso fácil e prontamente haviam de sanar. O tempo, porém, foi rodando... estamos chegados agora a mais uma época das nossas tão típicas e pitorescas festividades, e... Melgaço continua sem a sua gloriosa Banda para abrilhantá-las. Que tristeza sentimos ao ter de fazer esta confissão...

Certo que não faltam músicas na região — só em Monção, temos conhecimento dumhas quatro ou cinco — mas o espírito do melgaçoense de lei só fica alegre e satisfeito com os acordes da sua Banda, pelo que, e por bairrismo, o mesmo se não pode conformar com a sua falta.

Vamos, pois, encetar mais uma temporada de festas e romarias; e, excelente coisa seria que a nossa laureada Banda se recompuzesse a fim de tomar parte nelas — o que, aliás, é tarefa fácilima, pois, para tanto, basta que aqueles que deram origem a esta inimizade se penitenciem de seus erros, se os houver, se deem mutuamente as mãos e, todos, esqueçam quaisquer ressentimentos havidos.

Vamos, Senhores Componentes, vamos a isto! nada de ammos e voltaí a alegrar-nos o espírito com a vossa primorosa execução musical!...

Crispinus

Novo lar dos Bambiões — Está já coberto o novo quartel para os B. V. deste concelho, o qual, como previamos, muito veio embelezar aquele local, sem dúvida, um dos mais lindos e vistosos desta Vila. Pena é que a Ex.ma Câmara, por sua vez, não procure melhorar este embelezamento, pavimentando a cubos as ruas contíguas ao referido quartel.

Mercado semanal — No mercado semanal, realizado, em 6 do corrente, nesta Vila, vendeu-se: — milho a 8\$50 o mgio decalitro; centeio a 11\$00, idem; feijão branco entre 15\$00 e 18\$00, idem; feijão rajado entre 12\$00 e 15\$00, idem; batata-semente (da região) a 35\$00 o alqueire de 90 litros; batata para consumo a 1\$50, o quilo; cebolas à razão de 3\$00, idem; galos, galinhas, frangos e franguinhos... não houve, que a sua venda continua — e muito bem — interdita; ovos a 8\$50, a dúzia; maçãs desde 2\$00, idem; sardinhas de barrica a 4\$00, idem; lampreias a 20\$00 cada (das mais pequenas), e sável a 12\$50, o quilo.

— Na nossa última carta, insurgimo-nos contra o facto de no mercado de 23 do mês findo se ter vendido o naseabundo chicharro a 1\$30 cada; pois — ó ironia! — no mercado de 30 do referido mês, o mesmo peixe vendeu-se a 2\$00, também cada, e pelas portas... se vende a 2\$25. Bem feito!...

Falecimentos — Com a idade de 69 anos, faleceu, no pretérito dia 4, a sr.a Felícia do Paço (Ferradora), irmã das sr.as Rufina e Arlete do Paço e dos srs. Adriano, Fernando e António do Paço, que nesta Vila gozava da geral estima, tendo o seu funeral, que se realizou no dia seguinte, sido largamente concorrido.

— No pretérito dia 6, também foi Deus servido chamar à Sua divina presença a gentil menina Maria João Igrejas Nabeiro, de 4 anos, chorada filhinha do sr. João Rodrigues Nabeiro e de sua esposa, sr.a D. Maria de Lourdes Igrejas Nabeiro, que nem só era o enlevo de seus inconsoáveis pais como também de todas as pessoas que a conheciam.

As respectivas famílias enlutadas, apresentamos as nossas muito sentidas condolências.

Falta de carne — Realmente, há uns tempos a esta parte, tem havido grande falta de carne de vaca no nosso meio.

O nosso prezado colega local "Notícias de Melgaço" — tal como nós — não sabe a que atribuir a culpa de semelhante carestia. No entanto, é provável que esta seja uma consequência dos chamados... sinais dos tempos; pois agora por uma vaca lazarenta (que gordas as não há e daquelas muito poucas...) pede-se uma coisa assim como cinco contos. Por esta venda, onde iremos parar...

O tempo e a agricultura — A parte o "noroeste" um tudo nada agressivo, que vem soprando, o tempo decorre esplêndido, com lindos dias de sol.

— As videiras rebentaram bem e, pela amostra, a nasceda de cachos promete ser boa. Agora lindos, lindos, estão os centeios; oxalá a frutificação corresponda à sua exuberância.

Esboçando

(Continuação da 1.ª pág.)

outrora formosos; a barba, era também nítida e crescida; e, os olhos cansados de chorarem, de lavarem com lágrimas amargas as lágeas sôrdidas e frias do cubículo escondiam-se tristes e tímidas na face pálida e descarnada.

Não tinha ninguém que lhe pudesse valer. O único filho que possuía, sucumbira lutando pela Pátria, nos campos de combate; a mulher, cheia de saudades e desgosto, morrera também. Não tinha, portanto, ninguém no mundo!...

A fome e o cansaço eram agora maiores. Exteno e o sentiu-se num banco de pedra à porta da velha igreja paroquial. Chegavam até ele os sons melodiosos de um órgão. A melódica rítmica e suave como que se elevava ao céu tem hossanas de Amor!... Não pode resistir; entrou. Estava cheio o templo!... Tendo que alguém o visse, colocou a um canto. A música parou, o padre, o velho padre Bernardes, subiu ao púlpito descolorido e catuncho, na sua simplicidade, revestido de bondade, para falar aos seus cordeiros daquela maneira conciliadora e misteriosa, de que só ele era sabedor.

«... E, o filho, — dizia — que deixara a casa paterna na ansia de correr mundo e viver na fantasia enganadora que envolve, examinando-lhe prazetes ignóbeis, para se juntar aos amigos, que o mereciam e desprezaram mais tarde, voltam, cheios de fome, miseravelmente vestidos, os pés a sangrar de ferimentos por caminhos pedregosos, de estranhas e nefastas miséridades, e lançando-se nos braços do velho pai al gritou banhado em lágrimas: «pai, pai, perdoo a este teu filho!»

Estas palavras entraram na alma de José, cadenciadas ao som compassivo de um arpejamento sincero. Os olhos quedaram-se instintivamente e, levantando os olhos para Jesus, gritou também chorando: «Pai, perdoo a este teu filho!»

Ouvia-se agora o som do órgão mais forte e cadenciado...

Abafando os soluços que se ouviam a um canto da Igreja parecia celebrar, festivo, a chegada de mais um filho à casa paterna: um filho que se perdera e fora achado.

Bragá, 8.4.57.

Alberto Magno

O cantinho dos nossos assinantes..

Vem aí as férias da Páscoa e, nessa altura, juntamente com o sr. P. Justino, actualizaremos o livro de registo de pagamento. Depois começaremos a publicar os nomes dos nossos amigos que tiverem pago a respectiva assinatura.

Por isso, mais um bocadinho de paciência, sim?

E já que falamos em férias da Páscoa, queremos dizer que formulamos os melhores votos para que todos gozem estas festas com alegria e em companhia dos amigos e parentes. Quanto aos que estão longe da linda terra de Melgaço, paciência! É a melhor forma de saber por experiência quanto esta nossa querida terra nos está no coração e como nos lembra com vivas e profundas saudades, ao longo do ano, especialmente nestas festas maiores.

Agora, vamos às queixas e movimento de assinaturas.

Recebemos novas assinaturas dos srs. Maximiano Calheiro para Teronto, Canadá; Manuel Casimiro Rodrigues, Lourenço Marques; José Maria Rodrigues, para Paris; Alcindo Alves mudou para Soajo; Maria C. Bolha Monteiro recebia 2, passará a receber apenas 1, como pede; António Augusto Pires, do Brasil, recebia 2, passa a receber 1; Vítor Alves mudou de Paris para Verdun.

Agora as queixas: o sr. Joaquim Lopes Moreira queixa-se de que não recebe o jornal em Moçambique. Já tomamos providências e esperamos que siga certo no futuro.

E nada mais por hoje.

Boas Festas a todos e os votos das maiores prosperidades. Sim, porque é lindo, lindo, olhar para este nosso Minho, vale imenso, a perder de vista e vê-lo todo mosqueado de casas novas, presentido-se por toda a parte novos entusiasmos, e bastante dinheiro.

Pois mandem-no que não falta em que o gastar e o melgaçoense sabe gastá-lo em benefício da sua terra.

E ainda bem.

SOCIEDADE

FAZEM ANOS: — amanhã o sr. José Albano Lourenço; no dia 17 as meninas Maria do Céu Dantas da Costa Afonso e Maria do Rosário dos Santos Lima Peres; no dia 18 a sr.a D. Carolina Gomes de Sousa, e Maria Eduarda Pinheiro e os srs. António de Sousa Lobato (Regedor de Remoães) e Hercúlo Augusto Gonçalves Pereira; no dia 19 a sr.a D. Maria Amélia da Cunha Ozório; no dia 20 os srs. Floriano Luís Rodrigues, dr. João de Barros Durães e Manuel Fernando Santos do Vale; no dia 21 o sr. Carlos Francisco Ribeiro Lima; no dia 22 o sr. Armando da Ressurreição Rodrigues; no dia 25 a menina Fernanda Vaz e os srs. Constantino Gonçalves da Silva e Ricardo de Jesus Rebelo; no dia 26 as sr.as D. Etelvina de Nazaré Pereira e D. Maria Celina Las Casas Neto Marques, as meninas Elvira da Glória Ribeiro de Figueiredo e Castro e Maria Amanda da Cunha Esteves e os srs. prof. António da Ascensão Afonso, Pe António Augusto da Silva Barros e Frederico Augusto Esteves; no dia 27 a menina Irene de Fátima de Sousa e Castro; no dia 28 as sr.as D. Alzira Augusta Colmeiro Pato e D. Maria Higinia de Magalhães Fernandes Pinto, e no dia 30 as sr.as D. Flávia Maria Gregório e prof.ª D. Maria da Paz Dias de Figueiredo e o sr. Pe António Luís Vaz.

PARABENS... — ... damos-las ao sr. Manuel José Gomes de Sousa Júnior, 1.º grumete electricista da Escola de Mecânicos de Vila Franca de Xira, filho do nosso prezado amigo sr. Manuel José Gomes de Sousa, nem só por ter terminado o curso do 1.º grau para a sua especialidade, como também por ter sido o "urso", do mesmo, classificando-se com a honrosa média de 16, 149 valores. Transitou para o curso do 2.º grau, ou seja para sargento, pelo que muito desejamos obtenha igual classificação.

ENG.º MALHEIRO REIMÃO — Vimos nesta vila, onde veio assistir a uma sessão ordinária do Grémio da Lavoura deste concelho, o sr. eng.º Malheiro Reimão, do mesmo Grémio de Viana do Castelo.

Rouças, 12

Está gravemente enferma a Sr.a Joaquina da Freira, dos Pêxeses e também a Sr.a Nazaré, de Oleiros. Desejamos-lhes rápidas melhoras.

— Está para breve o casamento de Manuel Alves Carvalho com a menina Beneditina Domingues, da Eira. E também o de Manuel Augusto Domingues Dias, de Cavaleiros, com a menina, Alice da Ascensão de Araújo, de Oleiros.

— Partiu para França o Sr. Armando Dias, de Cavaleiros, que aqui era muito estimado.

(Continua na 4.ª página)

Por Santa Rita

Pois é verdade: os artistas de Braga já aqui tem trabalhado e a valer, para forrar a igreja. O mestre de obras, Sr. Araújo, também já cá veio duas vezes. E' o mesmo que fez a igreja da Aveleda. Parece-me que voltamos a estar com boa gente.

E a estrada vai. Por estes 15 dias, os carros já devem ficar a uns 150 metros do adro da igreja.

— Osromeiros continuam a vir, graças a Deus e a klevoção vai aumentando.

— Também não nos faltam as ofertas dos fiéis: — A menina, Maria Amélia, da Verdade, que trabalha em Lisboa, nunca se esquece de S. Rita e mandou-nos mais outra oferta de 50\$00; um anónimo, de Prado, pobre, tem aqui mais 20\$00 e o Sr. tesoureiro apurou nas suas contas do mês de Março 72\$70, que foram entregues. O Sr. Manuel Avenino Durães, da Carpinteira, ofereceu e, com que alegria, 110\$00. (Também é pobre, mas abençoada esta riqueza). Um anónimo, 15\$00. De um anónimo, de Prado, mais 5\$00 e de José de Oliveira, ali de Oleiros, quando da entrega da areia para o Santuário, 20\$00 dele e dos seus companheiros.

O José Domingues, neto da S.ra Prudenciana, de Cavaleiros, mandou-nos os primeiros 1.000 francos. Que depressa vieram! Estes rapazes, de Rouças, em França, não esquecem S. Rita.

A S.ra Estefânia Gomes, irmã do falecido Sr. Arcipreste, manda-nos do Brasil, mais 100\$00. Todos os anos aqui chegam pontualíssimamente 100\$00 da S.ra D. Estefânia.

Bem hajam todos. S. Rita a todos ajnde.

E só faltam 2 meses para a inauguração da igreja.

E, ainda há tantos que não falaram...

Pois vamos todos, todos a esta obra. E' nossa, de nós todos.

Inauguração da Estação dos C. T. T. EM CASTRO LABOREIRO

Foi inaugurada na sexta uma Estação dos C.T.T. em Castro Laboreiro sob a presidência do sr. Governador Civil de Viana do Castelo, tendo a ladea-lo os srs. Correio-Mór e presidente da Câmara de Melgaço.

Recebidas estas autoridades com foguetes e vivo e natural regozijo da gente da população, dirigiram-se após para o local, onde um grupo folclórico entoava lindas canções regionais.

Falou em primeiro lugar o sr. Correio-Mór que felicitou o pároco de Castro Laboreiro pela sua iniciativa no sentido de construir a Estação; em seguida usou da palavra o sr. P.e Aníbal Rodrigues que agradeceu ao Correio-Mór a aquiescência que deu à criação da Estação e agradeceu a presença das dignas autoridades; falou por último o sr. Governador Civil que felicitou o pároco e o povo por este melhoramento, dirigiu ao Correio-Mór os seus agradecimentos e saudações, congratulando-se também com esta inauguração.

Estavam ainda presentes: Os comandantes da Guarda Fiscal de Melgaço e Legião Portuguesa, o eng. Vilça Bouças, dos C.T.T., o chefe de serviço Costa Cabral, consultor artístico dos C.T.T., Mestre Martins Barata, o chefe do posto da P.I.D.E. de Peso e outras individualidades.

O sr. P.e Carlos Vaz, digno Arcipreste de Melgaço, procedeu à bênção da Estação seguindo-se a visita ao edificio e, finalmente, um copo de água regional.

Ficou a chefiar a Estação o nosso amigo António Lourenço.

De Braga vieram a Castro Laboreiro os srs. Sá Pereira, e os engenheiros auxiliares Vieira Correia e Vilão Pereira.

D. FLORINDA DOMINGUES

Parada, 11. — Faleceu hoje, na freguesia de Parada do Monte, a Veneranda Senhora, D. Florinda Domingues, mãe do rev.do P.e António Domingues, zeloso pároco daquella freguesia.

Tinha 81 anos, era viúva e muito estimada por todos os que a conheciam. Foi companheira desvelada, em Chaviães e Parada, do seu querido filho, que nestas duas freguesias tem uma grande obra sacerdotal.

A toda a família, e em especial ao Sr. P.e António Domingues, nossos sentidos pésames. — (C.).

Ministério do Interior Junta de Emigração

Comunicado

Foram ultimamente detidos na fronteira francesa mais portugueses que pretendiam emigrar clandestinamente para França.

O Tribunal de Bayonne pronunciou uma med'ca de expulsão contra aqueles portugueses encarcerados, os quais foram reconduzidos à fronteira portuguesa.

Mais vítimas, portanto, de falsas informações de agentes de emigração clandestina que as exploram e contra os quais a Policia Internacional e de Defesa do Estado está exercendo a sua acção.

A Junta de Emigração mais uma vez, sente a necessidade de informar que não é posto obstáculo à pretensão de emigrar para França ou outra qualquer país, desde que os interessados satisfaçam as condições legais.

E não só não tem posto obstáculos, como até sobretudo em relação à França, tem esta Junta acrutado, através das Câmaras Municipais, trabalhadores portugueses requeridos por empresas francesas idóneas por intermédio do «Office National d'Immigration».

Assim, em relação aos dois primeiros meses deste anno já emigraram legalmente para França 381 portugueses, que partiram com todas as garantias de emprego, de protecção por parte das autoridades francesas e livres para visitarem ou regressarem ao país quando entenderem.

Os seus processos só demoram na Junta o tempo mínimo indispensável para satisfazerem as formalidades necessárias.

Lisboa, 19 de Março de 1957

O Presidente
António Manuel Baptista

S. Paio 10-4-57

Tem sido bastante concorrida a Descobriga Pascal.

— Depois de algum tempo de sofrimento, faleceu, no lugar da Carpinteira, o indigente Manuel Fernandes Cruz, natural de Vila de Punho, concelho de Viana do Castelo.

— Já se encontram em gozo de férias os estudantes desta freguesia.

— Os trabalhos agrícolas e as atadas vão muito avançados, mercê da melhoria do tempo primaveril.

— Ouvimos dizer que os trabalhos da estrada para S. Paio vão começar brevemente. Oxalá que assim seja.

— Aos senhores Director, Redactores e colegas desejava Boas-Festas da Páscoa o C.

Rouças, 12

(Continuação da 3.a página)

— Foi baptizado no dia sete nesta igreja um menino, filho de António Fernandes, digno guarda-fiscal, da Costinha e de sua esposa, Maria de Jesus Gonçalves. Foram padrinhos o Sr. José Gomes Armada, digno funcionário das Finanças, e a S.ra Professora D. Isabel da Puzera Pereira da Rocha.

— E no dia seis outro menino, filho de Manuel José Domingues e de Maria Rosa Durães, da Rata. Que ambos sejam felizes pela vida fora e tenham sempre as bênçãos de Deus. Aos pais, muitos parabéns.

— O harmónio continua a dar conta do recado e muito bem. Se vissem, aos domingos, as crianças, os meninos da terra, com as Irmãs de Eiró. Como fica bem um harmónio nos actos do culto.

O pior são os 19.000\$00.

A Voz da Nossa Terra

Fez anos, no dia 10 do corrente, "Voz da Nossa Terra", simpático Boletim Paroquial, de Riba de Mouro, que o nosso prezado colaborador e illustre pároco de Riba de Mouro dirige com proficiência. Nossos parabéns.

Três dias em Parada

(Continuação da 1.a página)

Quando na quarta-feira de cinzas nos dirigimos a Pómares, onde o padre José Marques, de S. Paio, nos iria amavelmente buscar no seu utilissimo carro, acompanhou-nos um sobrinho do sr. padre (António Domingues).

E fomos conversando. — Qual é a produção mais abundante de Parada?

— E' o milho.

— E a freguesia consome toda a produção?

— Não Senhor. Um terço da produção vende-se.

— Para gente de Castro?

— Para o Grémio. Agente de Castro, desde que tem a estrada, vai à vila, porque lhe é mais cómodo.

— Também cultivais batata?

— Bastante.

— Já usais adubos quimicos?

— Sim. Devem vir uns 400 sacos de químico só para as batatas.

— E as ovelhas não dão lucro?

— Agora que davam muito lucro, a doença deu com elas, e há poucos rebanhos.

— Parada necessita duma estrada.

— Se precisa. Quem dera que a Floresta no-la traga quanto antes. Marcada já está. Mas nós temos muita pressa. Queríamos vê-la já aqui.

nhoteira, na Senhora da Vista.

Descia para serviço pastoral o sr. Padre António Esteves, de Conso.

Quantos amigos e bons colegas em tão poucas horas.

E quem andara, há muitos anos, por longes terras, começou a reviver as suas, ao contacto da gente e dos seus pastores.

Que a nossa terra saiba aproveitar esta hora grande, em que os seus filhos, moirando lá longe, a lembram com sangue de amor e de sacrificio.

Para nós foram de alegria e de prazer esses dias em Parada, como o são nas restantes freguesias porque a nossa gente é sempre atenciosa e delicada (para quem a não esquece e a estima

JULIO VAZ

VENDE-SE

No Pêso (Reguengo) as

propriedades de MARIA ANGELINA SOLHEIRO.

Terreno de cultura, Montes e pesqueiras

GRANDE RENDIMENTO.

T.O.

Tratar com a própria no Pêso.

Desciamos, então, de Parada para a Ponte da M.